

DIVERSIDADE SEXUAL E EMPREGABILIDADE, PRECONCEITO, DESAFIOS E SOLUÇÕES PARA A ISONOMIA: O PROJETO TRANSEMPREGOS

Márcia Rocha (Marcos Cesar Fazzini da Rocha)¹

SEXUAL DIVERSITY AND EMPLOYABILITY, PREJUDICE, CHALLENGES AND SOLUTIONS
FOR THE ISONOMY: THE TRANSEMPREGOS PROJECT

Resumo: Partindo de vivências pessoais, este trabalho objetiva demonstrar o modo como a sociedade atual valoriza positiva ou negativamente certas características de seus indivíduos, exercendo injustas opressões preconceituosas sobre eles baseadas em um modelo ideal inexistente de ser humano. Trazendo esclarecimentos sobre a imensa diversidade humana, inclusive quanto a aspectos sexuais, desafios na busca pela isonomia quanto à empregabilidade e busca de soluções através do Projeto Transempregos.

Palavras-Chave: diversidade; sexualidade; empregabilidade; avanços.

Abstract: Starting from personal experiences, this paper aims to demonstrate how our society values positively or negatively certain characteristics of their individuals, exerting unfair prejudiced oppressions over them, based on an ideal human being model that does not exist. Bringing understandings about the immense human diversity, including sexual issues, challenges on the isonomy due to employability and search for solutions through the Transempregos Project.

Keywords: diversity; sexuality; employability; advancements.

¹ Empresária, advogada integrante da Comissão da Diversidade Sexual da OAB/SP, com assento no Comitê de Direitos Sexuais da World Association for Sexual Health, pós graduada em Educação Sexual pela Unisal, coordenadora do projeto Transempregos, co-autora do livro "Vidas Trans: A coragem de existir". e-mail: marciademais@yahoo.com

Breve história

Por volta dos cinco anos de idade, peguei sapatos no armário da minha mãe e os levei para o meu quarto. Nos primeiros dias de escola, no jardim da infância, tentei ficar com as meninas e sofri *bullying* dos colegas, sendo orientada pela professora a ficar com os meninos. Passei algum tempo sem querer ir à escola, chegando a inventar doenças para evitá-la, até que aprendi como me defender do meio hostil. Aos oito anos de idade, sempre de forma oculta, já me vestia com peças de roupas de minha mãe e irmã, mexia em suas maquiagens, inúmeras vezes observando-as em suas “produções” e reproduzindo depois em mim mesma à primeira oportunidade. Aos onze, ao ficar sozinha em casa ou mesmo depois que todos tinham ido dormir, já fazia produções completas com maquiagem, roupas e acessórios.

Aos catorze anos, percebendo que meu corpo não se modificava como o das outras meninas que já usavam sutiã e obtinham suas curvas cada vez mais visíveis sob as roupas, decidi tomar hormônios. Meu pai percebeu as protuberâncias que brotavam sob minha camiseta e me levou ao médico. Tive que confessar tudo, ao que ambos argumentaram que eu deveria parar com aquilo apresentando inúmeros argumentos aos quais tentei resistir, pois já não ligava mais se todas as pessoas saberiam ou se teria que usar sutiã. Somente fui convencida por meio da argumentação de que as meninas não teriam mais interesse em mim e, principalmente, com a explicação de que ficaria estéril se continuasse a hormonização.

Pelo restante da vida eu seguiria naquela vida dupla, ou talvez devesse considerá-la vida falsa, incapaz de compreender minha aparente incoerência interior: desejar ser como aquelas meninas que eu também desejava afetivamente. Era a guerra entre a identidade de gênero dentro de mim e a vida como eu a desejava em um mundo sem opções para alguém como eu. Não havia plena consciência do que ocorria comigo, apenas desejos intensos, impulsos de usar roupas femininas, sentir-me feminina e uma constante sensação de que havia algo errado comigo, de ser diferente dos demais garotos, um “algo errado” que eu precisava ocultar com determinação.

Aos 39 anos voltei a me hormonizar definitivamente e a fazer mudanças corporais.

Pela primeira vez eu vivia tudo o que sempre desejei: meus seios cresciam como meus cabelos, meu corpo mudava. Simultaneamente, comecei a estudar e compreender o que acontecia comigo, o que eram transgêneridade e orientação sexual. Quanto mais eu compreendia, mais me aceitava e rompia meus próprios “bloqueios morais”. Quanto mais eu mudava, mais eu me identificava com o espelho e desejava outras mudanças.

Por toda a vida, publicamente eu era um homem com expressões bastante masculinas, a ponto de ninguém desconfiar de minha verdadeira identidade de gênero, nem amigos próximos ou parentes. Aos poucos, esse exagero foi dando lugar à naturalidade de ser mulher, e a sensação interior de necessidade de expressão da feminilidade se tranquilizava junto com essas mudanças, tornando-se cada vez mais uma simples verdade externada.

Com seios e pênis, documentos com fotos femininas e nome masculino, travesti de classe alta, empresária com notável patrimônio, advogada que fala três línguas e gosta de mulheres, sigo eu pela vida. Pensem que sou a personificação do absurdo, a materialização da incoerência, a desconstrução da lógica. Eu sei que sou, tão somente, um ser humano como todos os outros, com todas as suas peculiaridades únicas e subjetivas, mas que deixou de fingir para se enquadrar.

Preconceito

Apresentam-se aqui alguns exemplos de como algumas sociedades valoram negativamente características humanas, e como tais valorações podem ser prejudiciais.

Com relação aos negros:

No início de *RedTails*, filme baseado em fatos reais, aparece a seguinte afirmação: “Os negros são mentalmente inferiores, subservientes por natureza e covardes em frente ao perigo. Eles são, portanto, inadequados para o combate.” (Escola Militar de Estudos de Guerra, 1925) (HEMINGWAY, 2016).

Medalhas de Ouro do Congresso em homenagem aos Pilotos de Tuskegee foram entregues pelo presidente George W. Bush, em 29 de março de 2007, a 300 veteranos da unidade (formada exclusivamente por afro-americanos) e a algumas de suas viúvas (Vargas, 2015).

Barack Hussein Obama II (Honolulu, 4 de agosto de 1961) é um advogado e político dos Estados Unidos, o 44º e atual presidente daquele país, sendo o primeiro afro-americano a ocupar o cargo. (WIKIPÉDIA, 2016)

Em relação às mulheres:

[...] O movimento das sufragistas, que inicialmente era pacífico, questionava o fato de as mulheres do final daquele século serem consideradas capazes de assumir postos de importância na sociedade inglesa como, por exemplo, o corpo diretivo das escolas e o trabalho de educadoras em geral, mas serem vistas com desconfiança como possíveis eleitoras. (WIKIPÉDIA, 2016).

Por outro lado:

Margaret Hilda Thatcher, Baronesa Thatcher de Kesteven foi uma política britânica, primeira-ministra do Reino Unido de 1979 a 1990. (WIKIPÉDIA, 2016).

Sou advogada formada pela Pontifícia Universidade Católica (PUC) de São Paulo, integrante da Comissão da Diversidade Sexual da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB/SP), tenho um assento no Comitê de Direitos Sexuais da World Association for Sexual Health, sou pós graduada em Educação Sexual pela Centro Universitário Salesiano de São Paulo (Unisal), empresária administradora de duas empresas de grande porte, fluente em duas línguas estrangeiras, fundadora da Associação Brasileira de Transgêneros (ABRAT) e coordenadora do Projeto Transempregos. Aos quatorze anos, ao me hormonizar e ser convencida pelo meu pai a parar a hormonização e permanecer “no armário”, eu certamente não seria nada do que sou. Muito provavelmente, sequer estaria viva!

O modelo ideal humano

Quando pensamos em minorias políticas, por exemplo, não nos damos conta do absurdo que se apresenta diante de nós: ora, se ignorarmos todas as ditas minorias, quem restaria? O homem branco, cisgênero, heterossexual, adulto de idade mediana, trabalhador, bem-sucedido, que não bebe, não fuma e não joga, católico praticante (no Brasil), ou seguidor de

outra religião (em outros países de maioria judaica, budista, hinduísta, muçulmana etc.), honesto, fisicamente perfeito e saudável, sem quaisquer desejos sexuais considerados “desviantes”, bom pai, bom marido, totalmente fiel etc., esse indivíduo existe? Exercemos, como sociedade, portanto, a opressão social sobre todos e sobre nós mesmos, em nome de um modelo humano idealizado, imaginário e do qual não temos como fazer parte.

Não há um ser humano superior, uma categoria humana melhor ou outra pior. Há apenas uma imensa diversidade humana necessária e essencial, que deveria ser respeitada, preservada e valorizada.

Diversidade

Conforme Sousa (s/d), o que a teoria da seleção natural de Darwin nos revela é que a natureza precisa que suas espécies sejam as mais diversas possíveis a fim de se defenderem de variações no meio ambiente, sem qualquer alusão à superioridade ou inferioridade. O conceito de “melhor” e “pior” foi criado pelo homem unicamente para seu benefício, de acordo com a conveniência do momento histórico em que se encontrava, sem levar em consideração o que é melhor para a espécie em si. Ao transportar essas noções para as relações entre sujeitos, faz com que tal deturpação afete diretamente a vida de indivíduos, povos e etnias.

O nazismo, por exemplo, desenvolveu várias teorias a respeito de raças. Afirmava poder estipular cientificamente uma hierarquia estrita entre “raças humanas”; no topo, estava a “raça nórdica”, e em seguida, as “raças inferiores”. Na parte inferior dessa hierarquia estavam as raças “parasíticas”, ou Untermenschen (“subumanos”), os quais eram percebidos como perigosos para a sociedade. As mais baixas raças na política racial da Alemanha nazista eram os africanos, ciganos e judeus. Ciganos e judeus eram eventualmente considerados *Lebensunwertes Leben* (“vida indigna de viver”). Os judeus, e posteriormente os ciganos, tornaram-se cidadãos de segunda-classe, expulsos da Alemanha nazista antes de serem confinados em campos de concentração e depois exterminados durante o Holocausto. Richard Walther Darré, ministro da Alimentação e Agricultura do Reich entre 1933 a 1942, popularizou a expressão *Blut und Boden* (“Sangue

e Solo”), uma das muitas expressões do glosário da ideologia nazista usadas para reforçar o racismo popular entre a população alemã (Wikipédia, 2016).

Como consequência desse exemplo, é possível considerar que, caso Hitler tivesse obtido sucesso em suas absurdas intenções de criar uma “raça perfeita”, branca e loira, com a eliminação das demais, se viesse a ocorrer algum fator natural que afetasse diretamente os portadores dessas características específicas, toda espécie humana poderia ser simplesmente extinta.

Portanto, enquanto a natureza esforça-se constantemente para criar diversidades a fim de garantir maior probabilidade de preservação das espécies, o homem esforça-se para eliminar essa diversidade em nome de valores impensados e nada naturais. Assim, a espécie humana pode ser responsável pela própria extinção, em razão da sua arrogância, ignorância e, principalmente, intolerância. Valeria a pena considerar o que afirma Mead (2014):

Passamos a considerar-nos [...] uma espécie de criaturas num universo que pode conter outras espécies de criaturas vivas, talvez mais inteligentes do que nós. Essa possibilidade acrescenta novo sabor à exploração de nossas próprias potencialidades – como membros de uma espécie, incumbida de preservar um mundo ameaçado. **Cada diferença é preciosa e deve ser cuidada com carinho.** (p. 13, grifo nosso)

Diversidade sexual

Da mesma forma que os seres humanos são diversos e múltiplos em termos biológicos, há um adicional de variabilidade representado pelas múltiplas identidades, o que nos torna ainda mais facilmente adaptados. Além das inúmeras características biológicas existentes entre seres humanos, como conformações neurológicas, endócrinas, anatômicas e fisiológicas, também apresentam psique complexa, decorrente da influência social sobre os indivíduos, o que implica em comportamentos bastante diversos entre cada ser humano. Dentre essas características, verifica-se facilmente a existência de uma imensa gama de comportamentos e identidades sexuais.

A identidade sexual pode ser exclusivamente masculina ou feminina. Também pode manifestar uma mistura entre a masculinidade

e feminidade, admitindo várias categorias entre homossexualidade com inversão sexual de papéis de gênero, travestibilidade e transexualidade. A identidade sexual difere em conceitos da orientação sexual pois fundamenta-se na percepção individual sobre o próprio sexo, masculino ou feminino, percebido para si, manifestado no papel de gênero assumido nas relações sexuais, já a orientação sexual fundamenta-se na atração sexual por outras pessoas. A identidade sexual difere da identidade de gênero também no sentido em que esta está mais correlacionada com a maneira de se vestir e de se apresentar na sociedade enquanto aquela correlaciona-se mais diretamente com o papel de gênero sexual. Algumas vezes considera-se que um transexual do biotipo masculino, cuja orientação sexual é somente por homens e que se relacione sexualmente apenas no papel feminino, possa ser considerado heterossexual. (ANJOS, 2000)

Empregabilidade

Ao criar o Projeto Transempregos, percebeu-se que aproximadamente 40% dos currículos recebidos apresentavam curso superior e outros 30% possuíam cursos técnicos. Mesmo qualificadas, a maioria dessas pessoas não conseguiam inserir-se no mercado formal de trabalho, unicamente em razão do preconceito.

Tal fenômeno, além de causar injustos prejuízos aos indivíduos, prejudicava também a sociedade como um todo, pois privava uma parcela significativa de potenciais trabalhadores de produzir, contribuir, gerar renda, impostos, consumirem, e ainda pior, atirava-os à clandestinidade e, muitas vezes, à marginalidade.

Pessoas transgêneros de todo o país enviavam currículos que muitas vezes eram selecionados para entrevistas, mas ao ser constatado que o nome nos documentos não correspondia ao gênero externado pela pessoa, ou se percebida a inconformidade de gênero com o sexo biológico, por qualquer razão, não eram contratados, por mais competentes que fossem. Após várias tentativas semelhantes, a pessoa transgênero desistia de procurar um emprego formal.

Por outro lado, empresas que contratariam, ou mesmo que gostariam de contratar pessoas transgêneras, não tinham como en-

contrá-las.

O projeto transempregos

Desde 2014, além de criar um extenso banco de dados com currículos de pessoas transgêneros, o Projeto Transempregos passou a oferecer palestras de conscientização e sensibilização para várias empresas de grande porte em todo o país, com excelentes resultados.

Recentemente, o projeto vem fazendo capacitação de funcionários, especialmente da área de recursos humanos, com relação ao uso do nome social, uso do banheiro conforme a identidade de gênero, questões legais etc.

Além de haver centenas de pessoas transgêneras trabalhando em diversas empresas, algumas de grande porte, existem hoje dezenas de pessoas transgêneras em cargos técnicos, jovens aprendizes, estagiários, engenheiros, advogados, funcionários com “plano de carreira” e até mesmo uma pessoa com mestrado, doutorado e fluência em línguas estrangeiras, ocupando cargo de gerência para toda a América Latina, em renomada empresa multinacional.

Por ser um projeto da Associação Brasileira de Transgêneros – ABRAT, entidade sem fins lucrativos, nada é cobrado das empresas ou das pessoas transgêneros pelo Projeto Transempregos.

Cada caso de sucesso é uma semente plantada que, germinando e dando frutos, contribui para a diminuição do preconceito em toda a sociedade. A empresa Transempregos está feliz em tornar as terras férteis e disseminá-las para que vivamos em um mundo mais justo e igualitário!

Referências

ANJOS, G. apud Wikipédia. *Identidade sexual e identidade de gênero*: subversões e permanências. Sociologias, p. 274-305, 2000. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Identidade_sexual>. Acesso em: 19 set. 2016.

HEMINGWAY, A. *RedTails*. Produção: 20th Century. Fox; Lucasfilm, 2012. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=JbRn6H69Gis>>. Acesso em 17 set. 2016.

MEAD, M. *Sexo e Temperamento*. 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 2014.

SOUSA, R. *Darwinismo Social*. Brasil Escola, s/d. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/historiag/darwinismo-social.htm>. Acesso em 18/11/2016.

VARGAS, A. EUA já tiveram um grupo de caça só com pilotos negros. *Aero Magazine*, 19 nov. 2015. Disponível em: <http://aeromagazine.uol.com.br/artigo/os-pilotos-negros-de-tuskegee_455.html>. Acesso em: 17 set. 2016.

WIKIPÉDIA. *Barack Obama*. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Barack_Obama>. Acesso em: 17 set. 2016.

WIKIPÉDIA. *Sufrágio feminino*. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Sufr%C3%A1gio_feminino>. Acesso em: 20 nov. 2016.

WIKIPÉDIA. *Margaret Thatcher*. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Margaret_Thatcher>. Acesso em: 17 set. 2016.

WIKIPÉDIA. *Nazismo e raça*. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Nazismo_e_ra%C3%A7a>. Acesso em 19 out. 2016.